



DOI: <http://dx.doi.org/10.22484/2177-5788.2017v43n2p337-349>

Comunicação e Educação: fenômeno comunicacional

Eliany Salvatierra Machado

Resumo: O campo Comunicação e Educação trabalha na formação crítica e ativa dos meios, na mediação tecnológica, auxiliando o uso das novas tecnologias e na gestão dos processos comunicativos, que são espaços por onde a comunicação percorre. Na Escola encontramos projetos que trabalham com o jornal mural, o rádio no pátio e a televisão em circuito interno. Observando os projetos desenvolvidos no campo, percebemos que o conceito de comunicação é associado ao uso dos *media*, e a comunicação está mediada ou interligada por aparelhos, por meios. Porém, quando pensamos a Comunicação na Educação, nos referimos a comunicação entre educador e educando. A questão ora apresentada trata do fenômeno comunicacional e, portanto, refletimos no presente texto a Comunicação na Educação. O objetivo é pensar como a comunicação contribui nos processos educativos, no espaço escolar e não escolar, como nas ONGs. Para isso, realizamos uma pesquisa teórica. Revisitamos teóricos e procuramos compreender o fenômeno comunicacional.

Palavras-chave: Comunicação e educação. Fenômeno comunicacional. Diálogo. Relação. Alteridade.

Communication and Education: communication phenomenon

Abstract: The field Communication and Education works in the critical and active formation of the means, in the technological mediation, helping the use of the new technologies and in the management of the communicative processes, that are spaces through which the communication travels. In the School we find projects that work with the mural newspaper, the radio in the courtyard and the television in internal circuit. Observing the projects developed in the field we realize that the concept of communication is associated with the use of means, communication is mediated or interconnected by devices, by means. However, when we think about Communication in Education, we refer to the communication between educator and educator. The present issue deals with the communicational phenomenon. We reflect in this text the Communication in Education. The goal is to think about how communication contributes in educational processes, in the school and non-school space, as NGOs. For this, we carry out a theoretical research. We revise theorists and try to understand the communicational phenomenon.

Keywords: Communication and education. Communicational phenomenon. Dialogue. Relationship. Otherness.

Introdução

O campo emergente denominado de Comunicação e Educação tem entre os seus objetivos promover a leitura crítica e ativa dos meios de comunicação de massa e dos novos suportes técnicos, bem como criar projetos de uso dos meios em processos educativos, o que também pode ser nomeado de escrita ou expressão através dos recursos tecnológicos. Os projetos e processos do campo são importantes e instigantes. Porém, o presente texto tem por objetivo apresentar um estudo sobre o entre, sobre o fenômeno comunicacional, que pode, ou não, acontecer entre seres humanos.

Para pensar a comunicação nos filiamos ao grupo de estudos FiloCom - Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação, que é um grupo de pesquisadores preocupados com a discussão de autores, temas e de propostas feitas pelos estudiosos da comunicação, filósofos, cientistas, do Brasil e do exterior. Seu interesse é o de contribuir para aprofundar os estudos de comunicação e desenvolver uma metodologia específica de trabalho de pesquisa em comunicação.

O coordenador do FiloCom, Ciro Marcondes Filho, através das suas pesquisas, nos auxilia a pensar o termo comunicação e os seus processos, e é a partir daí que refletimos sobre o diálogo e o fenômeno comunicacional no campo da Comunicação e Educação. Marcondes Filho (2002), no Brasil, não pensa a comunicação como espaço de troca e compartilhamento, nem tampouco relaciona o termo aos meios de comunicação.

No campo da Comunicação, o termo comunicação ganha várias acepções, pois ora é estudo dos meios, ora estudo das mediações. Marcondes Filho (2002) pesquisa a comunicação como fenômeno e inaugura na epistemologia da comunicação uma área, denominada por ele, de Nova Teoria da Comunicação. Comunicação, nessa nova teoria, é primeiramente algo que violenta o pensamento. É o que nos força a pensar e as coisas que nos fazem pensar, sendo essas mesmas coisas mais importantes que o próprio pensamento.

Pesquisadores da Comunicação partem do pressuposto que comunicação é entendimento entre duas pessoas. Porém, segundo Marcondes Filho (2004), essa é a comunicação trivial, acomodando-se naquilo que já temos internamente assentado, e que funciona antes como um mecanismo de conservação e de tranquilidade. Existe outro entendimento da comunicação, que a compreende como: expressiva e estética, fenômeno comunicacional estético, contrária da comunicação trivial.

Para Marcondes Filho (2010), a comunicação estética é aquela que nos incomoda, que mexe conosco. Cabe esclarecer que se toma estético, no presente texto, no sentido da *aesthesis*

– relação sensível, sensorial com o mundo. O fenômeno comunicacional estético nos faz sentir e pensar, ou nos força a pensar, nos violenta porque nos incomoda de tal forma que não conseguimos fugir.

Na Nova Teoria da Comunicação, comunicação é “acontecimento”, é diálogo. Porém, diálogo não significa troca ou compartilhamento. O entendimento do termo está mais próximo do que Merleau-Ponty, conforme Marcondes Filho (2010, p. 14), definiu como diálogo:

[...] quando a objeção que me faz o interlocutor extrai de mim os pensamentos que não sabia possuir. O fenômeno comunicacional estético violenta e faz surgir o novo, e o novo surge no diálogo, no reconhecimento da alteridade, do outro como outro, do que não sou eu, e daí posso sair de mim mesmo.

Nessa Teoria fala-se em duas modalidades de comunicação, o que não implica que essas não possam se desdobrar em outras. Por ora, atemo-nos à diferença entre a comunicação trivial e a densa. Marcondes Filho (2010) associa os conceitos de memória involuntária e memória voluntária para compreensão da comunicação trivial e densa. Para ele, a memória voluntária é informativa, o que significa que por meio dela exercitamos nossa razão, nosso intelecto, nos movemos conscientemente para o passado que escolhemos.

A memória involuntária, como o próprio termo se refere, é involuntária; a apreciação do passado é inesperada e surpreendente. A comunicação densa está associada com a memória involuntária. O comunicador pragmático pode perguntar: Mas como provocar essa comunicação? Eis a questão: não se provoca, muito menos manipula-se, ela acontece, é involuntária. Jamais saberemos quando algo nos tomará de assalto e, muito menos, quando esse mesmo algo nos forçará a pensar. Contudo, esse mesmo fenômeno pode ser percebido e narrado, não sendo assim, impossível de ser estudado.

Uma questão de metodologia

O fenômeno comunicacional estético, denso e involuntário, pode ser estudado, mas não pelos caminhos conhecidos da pesquisa acadêmica. Por isso, Marcondes Filho (2010) sugere o caminho do meio, metáforas; caminho que não conhece um fim a ser seguido, são pistas que podem ou não nos auxiliar a perceber o fenômeno comunicacional; isso, claro, se ele se mostrar.

Para perceber as pistas do fenômeno comunicacional é necessário diferenciar o que são os sinais, as informações e a comunicação. Segundo Marcondes Filho (2004), tudo sinaliza, porém alguns sinais são intencionais e outros não. Há seres e coisas que emitem sinais de forma passível.

A sinalização pode tornar-se uma informação. O que era um ruído, uma irritação, pode se tornar alvo da minha atenção em relação ao outro. Contudo, é necessário e importante destacar que haja interesse da minha parte. Transformamos sinais em informação quando nos voltamos a eles, quando lhes damos atenção, quando concedemos a nossa curiosidade ou a nossa preocupação, assim a sinalização pode tornar-se informação.

A informação é uma atenção ao sinal e ao mesmo tempo compreensão. A comunicação é algo mais profundo e muito mais que a informação, trata-se de relação, a relação que estabelecemos.

Entrar em relação com o Outro

Comunicação é relação, ou nas palavras de Marcondes Filho (2010), entrar em relação, abrir-se para o outro e ser atravessado por ele. Ao contrário do senso comum, não somos semelhantes, iguais, e por isso, conhecidos. Somos seres semelhantes, mas Outro, diferente. Há um equívoco com relação ao Outro. Por acreditar que o Outro é o meu semelhante, entendemos que seja como eu. O Outro é semelhante diferente, que jamais será apreendido pela minha compreensão. Por outro lado, e ao mesmo tempo, por ser Outro pode me mostrar o que eu não sou. Na interação com o Outro é que a relação acontece.

A Nova Teoria da Comunicação compreende que só por meio do Outro a comunicação acontece. O termo comunicação é apreendido enquanto sentido, “aquilo que nos toca”, é extralinguístico, não cabe nos estudos sobre significação, é estético.

A comunicação é o que acontece entre as pessoas, é a atmosfera, a cena. Mas entre as pessoas circula algo, e esse algo é o que chamamos de acontecimento: comunicação.

O diálogo e o dialógico

A comunicação é relação, acontecimento, diálogo. Segundo Marcondes Filho (2010), no diálogo, além das palavras emitidas, circulam sensações, emoções, desejos, interesses, curiosidades, percepções, estados de espírito, intuição, humores, uma indescritível sensação de “coisa comum”. Quando as pessoas estão desinteressadas, não querendo convencer, seduzir e muito menos dominar há, então, a possibilidade do diálogo.

Para compreender o termo diálogo, na Nova Teoria da Comunicação, recorremos a Martín Buber. Ele, filósofo, trabalhou conjuntamente na Alemanha com Franz Rosenzweig e, ambos, foram responsáveis pela nova versão da Bíblia para o alemão, corrigindo deturpações

consideradas gritantes em relação ao trabalho realizado por Lutero. Mas, o projeto foi concluído apenas por Buber, em 1925, já que Rosenzweig ficou muito doente, vindo a falecer. Talvez por isso seja reconhecido como teólogo.

A origem do diálogo como objeto filosófico esteve a cargo de Martin Buber, Emmanuel Lévinas e Paulo Freire. Este último, inclusive, recorre a Martín-Buber para desenvolver a sua proposta dialógica no campo da Educação. Porém, Buber não se concentra na grande revolução, no investimento e na mobilização das massas, sequer na politização dos oprimidos.

No estudo da ontologia das relações, Buber se preocupou com o homem, com a recuperação do humano numa sociedade cada vez mais técnica. E esta preocupação será traduzida no investimento da relação pessoal com o outro. Para isso, apoia-se primeiramente em estudiosos da linguagem como Hamman, Herder, W. Von Humboldt, de um lado, e no crítico da religião, Ludwig Feuerbach.

Ao se interessar antropologicamente pelo homem, Buber tem por base as ideias de Feuerbach, para extrair o “impulso decisivo”, ou o par “Eu–Tu”. Mas, em Feuerbach, este par estava voltado especialmente às relações homem-mulher, enquanto para Buber a relação “Eu–Tu” valia para qualquer pessoa, inclusive para outros seres e coisas.

Para Buber, existiam duas atitudes do homem diante do mundo: a primeira, e mais importante, é pré-cognitiva e pré-reflexiva; a segunda é a atitude linguística social. “A linguagem, diz ele, no melhor estilo heideggeriano, não é conduzida pelo homem: antes, ela o conduz e o instaura no ser” (MARCONDES FILHO, 2010, p. 45).

Marcondes Filho explica que para Buber, a palavra é portadora do ser, e por meio dela o homem se introduz na existência, visto que ela o conduz e o mantém no ser. Quando o homem fala, quando profere palavras, quando enuncia, o ser se atualiza nele; por intermédio dela, ele “faz-se homem” e situa-se no mundo com os demais homens. O homem é basicamente um ser dia-logal e dia-pessoal.

O diálogo é o lugar do encontro, algo que, conforme o prefixo dia, atravessa, perpassa a relação. Diálogo, nesta perspectiva, é uma relação, um discurso, uma razão que perpassa, que está no meio, sendo o “entre”, a categoria primordial da dialogicidade da palavra. “O entre é o lugar ‘onde o espírito habita’, o lugar da relação, do encontro, do diálogo. E isso, também no amor” (MARCONDES FILHO, 2010, p. 46).

Zuben (2007) esclarece que Buber - mais pensador do que um filósofo acadêmico ou um teólogo profissional-, sempre manteve vivo o vínculo dos seus pensamentos com a práxis, ou seja, reflexão e ação ou logos e práxis sempre estão relacionados.

Para compreender a noção de diálogo em Buber e, principalmente, o que ele concebe por relação, é necessário entender a palavra-princípio “Eu-Tu” e “Eu-Isso”. Segundo Buber (2007), o homem pode proferir a palavra-princípio – que não são vocábulos isolados, mas pares de vocábulos – em sua dualidade “Eu-Tu” ou “Eu-Isso”. Para ele, a vida do ser humano não se restringe apenas ao âmbito dos verbos transitivos.

A vida, em Buber (2007), não se limita apenas às atividades que têm algo por objeto, e isso muito nos interessa, principalmente em tempos de um consumo exacerbado que transforma tudo em “coisa”, em que acabamos por nos voltar às pessoas como se fossem também objetos. Aquele que diz “Tu” não tem coisa alguma por objeto. Pois só onde há uma coisa há também outra coisa, e cada “Isso” acaba sendo limitado por outro “Isso”. O “Isso” só existe na medida em que é limitado por outro “Isso”.

Quando proferimos o “Tu”, coisa alguma existe, ou seja, não há mais a coisa, mas o “Tu”. O “Tu” não se confina a nada. Quem diz “Tu” não possui coisa alguma, não possui nada. Ele permanece em relação. O “Isso”, em Buber, é a coisa, e o “Tu” é o “Eu” em relação.

Para Kant, é a experiência que constitui a estrutura de sensibilidade, dando à razão a possibilidade de compreender o mundo. Mas, em Buber, a capacidade de experiência do homem está onde o homem explora a superfície das coisas e as experiências. Ele adquire delas um saber sobre a natureza e sua constituição, isto é, uma experiência. Mas, ele experimenta o que é próprio às coisas, pois “o homem não se aproxima do mundo somente através de experiências. Estas lhes apresentam apenas um mundo constituído por Isso, Isso e Isso, de Ele, Ele e Ela, de Ela e Isso.” (BUBER, 2007, p. 19).

O experimentador, segundo Buber (2007), não participa do mundo. A experiência se realiza “nele”, e não entre ele e o mundo. O mundo não toma parte da experiência. Ele se deixa experienciar, e o mundo, como experiência, diz respeito à palavra-princípio “Eu-Isso”. A palavra-princípio “Eu-Tu” fundamenta o mundo da relação. Por isso, é importante perceber como o “Eu” se relaciona com o “Tu”, bem como com todas as coisas que se, devidamente pronunciadas, deixam de ser “Isso” e também passam a ser “Tu”.

Segundo Buber (2007), o mundo das relações se realiza em três esferas: a vida com a natureza, a vida com os homens e a vida com os seres espirituais, principalmente, devido ao fato de o homem não ser uma coisa entre coisas ou formado por coisas.

Ele não é um simples Ele ou Ela limitado por outros Eles ou Elas, um ponto inscrito na rede do universo de espaço e tempo.

Ele não é uma qualidade, um modo de ser, experienciável, descritível, um feixe flácido de qualidades definidas. Ele é Tu, sem limites, sem costuras, preenchendo todo o horizonte. Isto não significa que nada mais existe a não ser ele, mas que tudo o mais vive em sua luz. (BUBER, 2007, p. 57).

O Eu não submete à experiência o “Isso”. O homem a quem o Eu diz Tu entra em relação. Mas o Tu não precisa saber que o Eu entra em relação com ele. O Tu é mais do que o Isso possa estar ciente. O Tu encontra-se comigo. Mas é o Eu que entra em relação imediata com Ele, e entre o Eu e o Tu não há jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia. É importante saber que entre o Eu e o Tu não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação.

A palavra-princípio “Eu-Tu” nos mostra como podemos nos relacionar. Uma relação onde não há a intencionalidade de mudar o Tu, e muito menos de instrumentalizar a relação, mesmo que essa seja para fins políticos. Aliás, o Eu que profere o Tu não deve nada esperar e nada querer, e isto não é ingênuo. Ao contrário, é a relação de um ser maduro que profere o Tu.

Diante da imediatez da relação, “todos os meios terminam sem significado. Não importando também que meu Tu seja ou possa se tornar, justamente em virtude de meu ato essencial, o Isso de outros ‘Eus’ (‘um objeto de experiência geral’)” (BUBER, 2007, p. 59). Ou seja, estar presente no momento de proferir o Tu é fundamental. Buber (2007, p. 59-60) explica:

Com efeito, a verdadeira demarcação, sem dúvida flutuante e vibrante, não se situa entre a experiência e a não-experiência, nem entre o dado e o não-dado, nem o outro mundo do ser e o mundo do valor, mas em todos os domínios entre o Tu e o Isso; entre a presença e o objeto. O presente, não no sentido de instante pontual que não designa senão o término, constituído em pensamento, no tempo ‘expirado’ ou a aparência de uma parada nesta evolução, mas o instante atual e plenamente presente, dá-se somente quando existe presença na mente presente, dá-se somente quando existe presença, encontro, relação. Somente na medida em que o Tu se torna presente a presença se instaura.

Ao contradizer a metodologia clássica acadêmica, Buber (2007, p. 60), afirma que “o essencial é vivido na presença, as objetividades no passado”. Ele não está falando de, ou para um Eu objeto, mas um Eu que é você, que sou eu. Um homem que é atual, que atravessa o mundo das ideias. Pois, segundo Buber (2007), a humanidade se reduziu a um Isso, nada tendo em comum com a humanidade verdadeira e encarnada: aquela em que o homem diz verdadeiramente Tu. Ao contrário do que possa aparentar, Buber (2007), busca escapar da religião, assim como de uma fixação de um Estado para o povo judaico.

Na tradição do pensamento messiânico-socialista e de um ateísmo místico que apostava numa fantasia internacionalista de libertação, o que importa, de fato, é a forma como o homem se relaciona com seu semelhante, como considera essa alteridade, como sai de si e entrega-se à relação a partir do reconhecimento do outro. (MARCONDES, 2010, p. 38).

Buber não procura o diálogo para a emancipação ou libertação e nem espera que a relação “Eu-Tu” ocorra após a revolução ou se anteceda a ela. “Tomo a quem me ouve pela mão e o encaminho à janela. Abro a janela e aponto para o que está lá fora. Não tenho nenhuma doutrina, mas mantenho uma conversação.” (BUBER apud MARCONDES, 2010, p. 32). Não há a intenção, muito menos maniqueísmos, estratégias, intencionalidades.

Na perspectiva racionalista perguntar-se-ia como acontece esse diálogo? Primeiramente é necessário perceber que para Buber é a existência de um Tu que justifica e constitui a existência de um Eu. Dia-logos é igual a lugar do encontro, espaço do “entre”. O diálogo é o lugar onde o encontro acontece, é o “entre”. Entre o Eu e o Tu há um espaço e é dele que estamos falando. Para Buber, o “entre” é o lugar onde o espírito habita, algo que acontece entre pessoas; o homem habita o amor. O “entre” é onde habitamos onde sentimos, lugar onde encontramos o outro. O diálogo é o entre que o Eu pode acolher o Outro, trazê-lo para dentro, deixar que o outro entre em mim. O outro me amplia.

É na relação Eu-Tu e não Eu-Isso que o Eu permite ver o Outro, perceber o outro, daí a expansão. Onde as perspectivas deslizam de um ao outro e vice-versa, onde meu interlocutor extrai de mim pensamentos que eu não sabia possuir.

O diálogo é o espaço onde o Eu permite que o Outro se mostre, o atravesse, o amplie, “onde deixo com que o Outro extraia de mim o que eu nem sabia possuir”. Para que isso aconteça é necessário não querer nada do Outro: nem formá-lo, nem possuí-lo, muito menos dominá-lo, instruí-lo, ou ainda libertá-lo. O espaço dialógico pode ocorrer quando não quero dominar o Outro e deixo o outro atravessar o Eu.

Ao contrário de algumas propostas do campo da Comunicação e Educação, que tem como principal objetivo a perspectiva crítica e a emancipação, o diálogo, segundo Buber, não deve ser o espaço para alguma coisa, mesmo que seja com bons propósitos. O diálogo é o lugar do Eu-Tu, onde deixo que o Tu me atravesse e isso é de profunda importância.

É a partir das reflexões sobre o diálogo, em Buber, que percebemos como pode ser complexo e profundo a inter-relação Comunicação e Educação, para criar ambientes para o diálogo franco e aberto à participação de todos, e que não haja nisso nenhuma pretensão da captura racionalista.

Comunicação e Educação: diálogo

Martín Buber (2007, p. 34) ao tentar explicar o diálogo, conta um sonho que se repete.

Com toda espécie de variações, às vezes depois de um intervalo de alguns anos, repete-se para mim o mesmo sonho. Dou-lhe o nome de sonho do duplo apelo. O ambiente em que ele decorre permanece sempre semelhante; é um mundo pobre em aparatos, “primitivos”: encontro-me numa grande caverna, como as Latomias de Siracusa, ou numa construção de taipa que me lembra, ao acordar, as aldeias dos felás [...]. O sonho começa, no início das mais diversas formas, mas sempre, no início, algo extraordinário me acontece: por exemplo, um pequeno animal, com aparência de um filhote de leão cujo nome conheço no sonho mas não ao acordar, dilacera-me o braço e eu só o domino com dificuldade. Ora, o estranho é que esta parte do enredo do sonho, a primeira e de longe a de mais interesse, tanto pela sua duração como pela significação exterior dos acontecimentos, desenrola-se sempre num ritmo galopante, como se ela não fosse importante. E então o ritmo torna-se, subitamente, mais lento: eu estou aí e lanço um apelo. A visão global que tenho dos acontecimentos quando estou acordado deveria certamente fazer-me supor que, segundo os fatos que o precederam, o apelo fosse ora alegre, ora assustado, ou ainda ao mesmo tempo doloroso e triunfante. Pela amanhã, todavia, minha memória não me reporta este apelo tão marcado por sentimentos nem tão rico em mutações; é toda vez o mesmo apelo, não articulado, mas de um ritmo rigoroso, ressurgindo de quando em quando, inflando até atingir uma plenitude que minha laringe, em vigília, não suportaria; longo e lento, totalmente lento e muito longo, um apelo que é uma canção – e, quando ele termina, meu coração cessa de bater. Mas, então, em algum lugar ao longe, dirige-se a mim outro apelo; um outro e o mesmo; o mesmo, chamado ou cantado por outra voz, e não obstante não o mesmo; não, não é, de forma alguma, um ‘eco’ do meu apelo, é muito mais sua verdadeira réplica, não repetindo, som após som, os meus sons, nem de uma forma enfraquecida, mas correspondendo, respondendo a eles – tanto assim, que os meus sons, que ainda pouco não soavam nada interrogativo ao meu próprio ouvido, aparecem agora como interrogações, uma longa série de interrogações, que agora recebem todas uma resposta não interpretável tanto a resposta quanto a pergunta. E, entretanto, os apelos que respondem àquele um e mesmo apelo parecem não ser igual entre si. A voz é, a cada vez, uma nova voz. Mas, agora que a resposta está terminada, no momento em que o som acaba de se desvanecer, invade-me uma certeza, uma certeza autêntica de sonho: Eis que acontece. Nada mais. Apenas e precisamente isto, exatamente assim: Eis que aconteceu. Se eu tentasse esclarecer os fatos diria: é somente agora, com a réplica, que se deu, de forma real e indubitável, aquele acontecimento que produziu o meu apelo.

Buber (2007, p. 35) menciona que o sonho se repetiu até a última vez:

De início, tudo se deu como sempre (era o sonho do animal) meu apelo extinguiu-se e novamente meu coração parou. Mas, então, houve o silêncio. Não veio réplica alguma. Agucei o ouvido, porém não percebi nenhum som. É que, pela primeira vez eu *esperava* a resposta que sempre me surpreendera, como se eu dela não tivesse jamais tido a experiência; e a resposta esperada não veio. Mas, eis que agora algo aconteceu comigo: como se até então eu não tivesse possuído outras vias de acesso entre o mundo e os meus sentidos a não ser aquelas que passam pelos ouvidos, eu me descobria agora como um ser puro e simplesmente provido de sentidos, sentidos revestidos de órgãos e sentidos nus; ofereci-me assim ao espaço distante, aberto a toda recepção, a toda percepção. E então veio, não deste espaço distante, mas do ar bem próximo a mim, eis que veio, silenciosamente, a resposta. Para dizer a verdade, ela não veio, ela aí estava. Ela já aí estava – talvez possa dizê-lo à guisa de explicação – antes do meu apelo; ela estava simplesmente aí e deixou-se acolher por mim agora que me abri para ela. Eu a percebi de uma forma tão plena, como só percebera a réplica

nos meus sonhos anteriores. Se devesse relatar por que meios isto se deu, seria obrigado a dizer: por todos os poros do meu corpo. Como somente o fizera a réplica num dos sonhos anteriores, a resposta correspondia, respondia. Ela ainda a ultrapassava numa perfeição desconhecida, difícil de se definir, justamente pelo fato de já aí estar. Quando eu tinha terminado de acolhê-la, senti novamente, com mais percussão do que nunca, aquela certeza: Eis que aconteceu.

Ao contar um dos seus sonhos, Buber (2007) faz com que nos transportemos a uma narrativa, um local sinestésico em que os sentidos são essenciais. Contudo, só aquele que está aberto compreenderá e, simultaneamente, perceberá que a recepção exige o acolhimento. É necessário abrir-se para ouvir ou perceber tanto a pergunta quanto a resposta.

O falar realizado de um para o outro, mesmo sendo de maneira ardorosa, não constitui conversação. Assim, a conversação não necessita de som e nem sequer de um gesto, pois a linguagem pode renunciar a toda mediação de sentidos e, assim, é a linguagem. “Mas o diálogo humano pode existir sem o signo, apesar de ter neste, isto é, no som e no gesto, a vida que lhe é própria [...] esta existência sem signo, todavia, não tem forma objetiva captável” (BUBER, 2007, p. 36-37).

Buber (2007) esclarece que não pode transmitir ao leitor, sob forma de conceitos, aquilo de que o seu livro sobre o diálogo e dialógico trata e, por isso, tenta representar por meio de exemplos. “O diálogo não se limita ao tráfego dos homens entre si; ele é – assim que demonstrou ser para nós – um comportamento dos homens um-para-com-o-outro, que é apenas representado no seu tráfego” (BUBER, 2007, p. 40).

Mesmo que se possa prescindir da fala, da chamada comunicação há, contudo, um elemento que parece pertencer, indissolavelmente, à constituição mínima do diálogo, de acordo com seu próprio sentido: a reciprocidade da ação interior, ou seja, o receptor necessita desejar o diálogo, estar aberto perceptivamente.

Segundo Buber (2007), existem três espécies de diálogo: o autêntico, que não importa se é falado ou silencioso, em que cada um dos participantes tem de fato em mente o outro, ou os outros na sua presença, e no seu modo de ser e a eles se volta com a intenção de estabelecer entre eles e si próprio uma reciprocidade viva.

O diálogo técnico, que é movido unicamente pela necessidade de um entendimento objetivo. E o monólogo disfarçado de diálogo, aquele em que dois ou mais homens, reunidos num local, falam cada um consigo mesmo, por caminhos tortuosos, estranhamente entrelaçados e creem ter escapado, contudo, ao tormento de ter que contar apenas com os próprios recursos.

A terceira espécie de diálogo, conforme Buber (2007), consiste naqueles em que os pensamentos não são expressos da forma em que existiam na mente, mas que, no ato de falar,

são tão aguçados que podem acertar o ponto mais sensível, e isso sem considerar os indivíduos com quem se fala como pessoas presentes: uma conversação que não é determinada nem pela necessidade de comunicar algo, nem de entrar em contato com alguém, mas é determinada unicamente pelo desejo de ver confirmada a própria autoconfiança, decifrando no outro a impressão deixada, ou de tê-la reforçada quando vacilante.

O diálogo, conforme Buber (2007), não pode ser provocado mecânica e estrategicamente, muito menos como forma para capturar o outro e o que pode ocorrer é que exercemos uma saída de nós mesmos em direção ao outro e, para isso, é necessário partir do nosso próprio interior, é preciso estar em si mesmo e daí realizar o movimento básico que consiste no voltar-se-para-o-outro. A relação dialógica entre duas pessoas é entrega, mas acima de tudo é imersão, é um mergulhar na praia e não somente contemplá-la, porém não projetado para o futuro, e sim no instante. É estar presente na sua totalidade.

David Bohm (2005) retoma, mais recentemente, a importância do diálogo. Trata-se do lugar de criação do novo: uma relação de duas ou mais pessoas em que os interlocutores fazem algo comum, dando espaço ao aparecimento desse novo. Não se tratando de forma alguma, de troca de ideias ou pontos de vista como fragmentos de informação.

O diálogo pode ocorrer com qualquer número de pessoas, até mesmo com quem está sozinho.

Mesmo uma só pessoa pode ter o sentimento dialógico dentro de si, se o espírito do diálogo estiver presente. Trata-se de algo inédito, que pode não estar presente no ponto de partida. Esse significado compartilhado é a 'cola' ou 'amálgama' que mantém juntas as pessoas e as sociedades. Há, assim, um contraste com a palavra 'discussão', que tem a mesma raiz de 'percussão' e 'concussão'. Esse termo significa quebrar, fragmentar. Dá ênfase à ideia de análise, na qual podem existir muitos pontos de vista, e cada indivíduo apresenta o seu, que difere do outro. E assim eles analisam, estilhaçam. (BOHM, 2005, p. 34).

O diálogo pode ser uma proposta, um estar presente e abrir-se ao que o outro diz, dobrar-se, alteridade. Dessa forma, abrir espaço para que o diálogo aconteça seria o desafio e o pressuposto da Educomunicação.

Atravessamentos

O campo emergente da Educomunicação tem como objetivo formar o Comunicador Educador. Na área profissional, comunicadores voltaram a sua atenção para o campo da Educação através de práticas políticas e engajamento social. Mario Kaplún, no Uruguai, e Ismar de Oliveira Soares, no Brasil, iniciaram o que hoje nomeamos de Educomunicação. Os

processos e projetos do campo emergente não são novos, novo é um programa de formação nas graduações criadas nas instituições de ensino. Pensar a formação do Comunicador Educador, ou do Educomunicador, é que nos fez refletir sobre a comunicação e observar o fenômeno.

Foi refletindo sobre a formação do Educador Comunicacional ou Educomunicador que iniciamos os estudos apresentadas no presente texto. Iniciamos fazendo perguntas: o que é comunicar? Quem é o Comunicador Educador, ou o Educomunicador? Quais teorias e práticas devem ser apresentadas exercitadas no processo de formação do educando-educador em comunicação? Foram essas e outras questões que nos motivaram e ainda animam a reflexão e a pesquisa.

Promover e criar espaços dialógicos são conquistas possíveis e um grande desafio para Comunicadores e Educadores. A dialogicidade como fundamento deveria constar nos Projetos Políticos e Pedagógicos - PPP, dos cursos de Licenciatura em Educomunicação. Autores como Martín Buber e Paulo Freire são essenciais para a formação do educador comunicador, mesmo que seus trabalhos não sejam do campo da Comunicação.

Promover a reflexão e criar espaços dialógicos não é tarefa fácil, ao contrário esses espaços não devem ser conciliatórios, senso comum ou consenso. Está no estranhamento, na irritação como estriamento que o dia-logos circula. O diálogo acontece quando educando e educador transformam-se, tornam-se diferentes de quando entraram na instituição de ensino. A comunicação não é um consenso.

Com relação ao uso dos *media*, o educador comunicacional, ou o Educomunicador, pode e deve usá-los. Porém, que o uso vá além do que o aparelho possibilita, que não fique no uso predeterminado, mas conheça e subverta as possibilidades da técnica. Que o educando ultrapasse os limites da máquina que foi pré-configurada para um uso sem questionamento, sem vida reflexiva criativa. Que o uso dos *media* não seja um deslumbramento da técnica e muito menos uma mitificação da racionalidade instrumental.

Proferir a palavra princípio Eu-Tu e não Eu-Isso é entrar em relação com o outro. Abrir-se para a alteridade, acolhe-la, é o que pode criar o espaço dialógico. O fenômeno comunicacional pode acontecer nesse espaço “entre”. Como o fenômeno comunicacional não é previsível, controlável, e muito menos programado, não há nenhuma estratégia que garanta o acontecimento.

Promover o fenômeno comunicacional na presença, na relação com o outro, é instigante e, ao mesmo tempo, desafiador. Abrir mão das certezas, da previsibilidade e dos processos que podem ser conduzidos é tarefa difícil. Não conduzir e deixar com que o educando pense por si

é o que podemos promover em processos dialógicos, mesmo que por vezes tenhamos mais rebeldes que seguidores de enunciados propostos.

Acreditamos que o educador comunicador ou o educador tenha por princípio o desenvolvimento das qualidades individuais do educando, que ele pense por si e que reconheça a alteridade. O diálogo não é possível na imposição de ideias e muito menos na sedução. Trata-se de uma tarefa difícil de ser exercida, embora necessária e extremamente instigante.

Referências

- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOWM, David. **Diálogo**: comunicação e rede de convivência. São Paulo: Palas Athena, 2005.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O espelho e a máscara**: o enigma da comunicação no caminho do meio. São Paulo, Ijuí: Discurso Editorial, Unijuí, 2002.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O escavador de silêncios**: formas de construir e de desconstruir. São Paulo: Paulus, 2004.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Princípio da razão durante**: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica. São Paulo: Paulus, 2010.
- ZUBEN, Newton Aquiles von. Apresentação. In: BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Eliany Salvatierra Machado - Universidade Federal Fluminense
| Rio de Janeiro – RJ | E-mail: elianys@gmail.com.

Recebido em: out. 2017.
Aprovado em: nov. 2017.